



AGROGARANTE PROMOVEU DEBATE SOBRE INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE EM BRAGA

O ALTICE FÓRUM BRAGA – CENTRO DE CONGRESSOS FOI PALCO, A 28 DE MARÇO, DE MAIS UMA INICIATIVA “CONVERSAS DE AGRICULTURA”, PROMOVIDA PELA AGROGARANTE.

Texto Ana Clara | Fotos Agrogarante



Carla Alves, José Coutinho, Carlos Oliveira, Beatriz Freitas

O tema em discussão foi “Inovação e competitividade”. Na sessão de abertura, Carlos Oliveira, administrador da Agrogarante, começou por dizer que «este é mais um evento que aposta e reforça a nossa proximidade aos empresários.

«Constatamos o crescimento desta região (Braga) e é com grande orgulho e sentido de responsabilidade que organizamos este fórum», disse.

O responsável sublinhou que «esta é uma região na qual o setor primário se destaca e assume um papel de relevo, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento da região e do país».

«Os vários subsectores têm crescido e evoluído de forma bem visível nos anos mais recentes, não obstante as várias crises. E este crescimento é fruto do trabalho de todos, com uma aposta bem clara na competitividade», reforçou.

Neste sentido, venceu Carlos Oliveira, a «Agrogarante pretende colocar em debate a inovação e a consequente capacidade do setor para acrescentar valor à produção gerando, dessa forma, vantagens competitivas». «Nos dias de hoje é premente que as empresas se preocupem

com a inovação, no equilíbrio permanente entre o presente e o futuro. Esta é uma região de grande potencial, onde projetos de grande valor têm vindo a ser concretizados e, por isso, temos acompanhado os nossos clientes e, em conjunto com a banca, apoiamos cada vez mais empresas e projetos viáveis. Consideramos de vital importância transmitir confiança no setor e sobretudo informar, esclarecer e apresentar alguns casos de sucesso que têm vencido nesta região», sustentou.

Também Beatriz Freitas, presidente do Conselho de Administração da SPGM, realçou que «a inovação e competitividade estão muito ligadas e são uma das grandes apostas do presente».

Para a responsável, «sem empresários que queiram inovar, não podemos ter esperança de ser competitivos, e temos de perceber todos, nós próprios no setor financeiro, que sem inovarmos não conseguimos sobreviver no mercado».

INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE

«Os empresários agrícolas têm uma forte responsabilidade na inovação. A inovação

do setor agrícola depende da sustentabilidade, financeira e ambiental», alertou Beatriz Freitas, acrescentando que esta é uma «das questões que nos deve preocupar».

Além disso, lembrou que «a inovação deve ser vista no sentido lato, em todas as frentes de negócio, desde a mecanização, passando pela organização de processos, no fundo, é preciso inovar no relacionamento e em toda a vertente de negócio».

«A inovação é um desafio e uma imperiosa necessidade para as empresas do setor primário». Foi desta forma que iniciou a sua intervenção, Carla Alves, diretora regional da DRAP Norte, lembrando a importância dessa inovação também ao nível dos mercados internacionais.

«Na agricultura do Norte, nos últimos anos, os profissionais têm sabido ultrapassar muitas dificuldades. Mas também os desafios», disse, lembrando que no topo estão as alterações climáticas, as crescentes exigências dos consumidores e ainda práticas que respeitem o meio ambiente.

«Tudo isto é essencial para ter uma produção sustentada, inovadora e cada vez mais eficiente», afirmou Carla Alves.

Por fim, sustentou que «o que se espera das empresas agrícolas e do setor primário é que apostem na inovação. O Ministério da Agricultura, através do PDR2020, tem sido capaz de apoiar as empresas nesta matéria também», finalizou.

O evento contou com um debate dedicado à Inovação e Competitividade, em que os vários responsáveis de algumas empresas partilharam os investimentos que têm feito nas suas áreas de intervenção.

Casimiro Alves, presidente do Conselho de Administração da Vercoope, disse que «em meia dúzia de anos conseguimos duplicar a nossa faturação e mais do que duplicar as exportações, passámos de 10% de exportações para 30%. E a alavancagem e conforto que a Agrogarante nos tem dado na cadeia é muito importante. E podemos encarar o investimento estratégico com muita calma, nomeadamente através da partilha do risco».

«Temos feito investimento nas adegas, na promoção dos mercados externos, nas vinhas, etc. Esperemos que não haja mais crises internacionais e que nos obriguem a desacelerar o crescimento que temos registado nas exportações. E conosco, neste setor do vinho, está a correr muito bem até agora», sublinhou Casimiro Alves.

Justino Soares, administrador da Quinta do Castro, referiu que a inovação «começa de dentro para fora». O responsável alertou para a mudança que tem ocorrido no consumidor, «que obriga as empresas a apresentarem produtos mais inovadores, ajustados ao consumidor». A questão do financiamento, disse, «é também muito importante no apoio à inovação», já que «crescer de forma sustentada e ter uma situação favorável é muito importante. Tudo isso aliado a uma liderança forte, ouvindo todos, é essencial».



Casimiro Alves, Justino Soares, Manuel Loureiro, Jorge Reis, Vítor Araújo, Rogério Lourenço.

Neste debate de partilha de ideias sublinhou-se a ideia de que falar de inovação é falar de um desafio entre disciplina e intolerância à incompetência, sendo que a colaboração e a responsabilidade individual é essencial para levar a efeito o sucesso inovador. Para inovar é preciso ir de dentro para fora, pode ser em produtos novos, serviços e processos. De forma sustentada, cultura favorável, financiamento e liderança.

Manuel Loureiro, presidente do Conselho de Administração da Fagricoop – Cooperativa Agrícola e dos Produtores de Leite de V.N. Famalicão, disse que o setor do leite «é bastante organizado». Como houve altos e baixos, como a questão do fim das quotas leiteiras, começou a haver muita dificuldade de o se-

tor leiteiro – fabricantes – responder ao mercado. Instalou-se uma crise, com o preço do leite a baixar muito», lembrou, acrescentando que «criámos uma secção Biológica, na sequência da crise, começamos a trabalhar com produtores novos, ajudá-los a elaborar projetos. E sem a Agrogarante também não tínhamos conseguido financiamento para lançar estes projetos».

Rogério Lourenço, sócio-gerente da LouroFood, começou por falar da marca que representa, adiantando que este é um projeto na área da produção de leite e com sustentabilidade. «Foi com o tempo, experiência e a "bater a muitas portas" que conseguimos crescer. Encontrámos na tradição da família uma oportunidade de negócio, sempre com risco», lembrou, acrescentando que «desde o primeiro momento que a Agrogarante se tornou proativa ao acompanhar

o nosso desenvolvimento e ideias». Do ponto de vista da inovação, «trabalhamos num mercado altamente competitivo, em que ganhar economia de escala é preponderante. Somos obrigados a auto-desafiarnos todos os dias e temos de inovar porque a concorrência é muito grande», salientou Rogério Lourenço. Por fim, concluiu que «a investigação e desenvolvimento são as áreas onde a empresa mais aposta. Algumas das ideias que apresentamos ao mercado, algumas foram à frente do tempo, e outras tiveram boa aceitação dos nossos parceiros».

Também Vítor Araújo, da Kiwi Greensun, partilhou os seus conceitos de inovação, explicando à plateia como decorre o nascimento da marca, que é também uma organização de produ-

tores, «mais que tudo para vincular os produtores, controlar a produção e o abastecimento».

«Temos inovado ao nível da seleção da fruta, conservação, normalização, com investimentos grandes que fizemos, já utilizando a tecnologia 4.0, além disso, quando se fala em inovação, falamos também em novos produtos e novas variedades».

Contudo, salientou: «nós não temos capacidade de criar variedades novas, mas vamos à procura delas, como em Itália, Nova Zelândia, China, e trazer essas novas variedades para cá».

Coube a José Fernando Figueiredo, Presidente do Conselho de Administração da Agrogarante, fazer a sessão de encerramento desta sessão. O responsável realçou que o objetivo da Agrogarante com este tipo de iniciativas passa por «escutar os anseios e as dificuldades das empresas e propor soluções em parceria com a banca de modo a financiar as atividades existentes mas também novas atividades que pretendam iniciar para desenvolver e modernizar os seus negócios».

«A função da Agrogarante é estar junto dessas empresas, ajudá-las a inovar e dar-lhes uma resposta o mais rápido possível, só desta forma é que se pode criar confiança e laços com as empresas», acrescentou.

Para José Fernando Figueiredo «é necessário conciliar três fatores para se poder arriscar na inovação, como sejam boas ideias, capacidade de conhecer o mercado e visão de futuro».

No final da iniciativa destaque para uma exposição de produtos regionais, que contou com as empresas Vercoope, Quinta do Castro, Fagricoop, Kiwi Greensun e LouroFood. ■



José Fernando Figueiredo.